

III SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE
PSICOPATOLOGIA FENOMENOLÓGICA**Neonaturalismo e a tentativa de neutralização da angústia a partir da psicologia fenomenológica-existencial**

Rosymile Andrade de Moura

A tonalidade afetiva da angústia é uma provocação ontológica, visto que as perguntas que incorporam o que sentimos e por que sentimos trazem inquietações importantes para a nossa era de pós-verdade. O tempo do avanço da tecnologia é marcado como pós-verdade, temporalidade esta que a comunicação instantânea possibilita o debate massificado e o contato com experiência de diversas pessoas em vastos lugares. À medida que esse contato é massivo, a incorporação de explicações sobre temáticas virais alcança proporções de convencimento. Em angústia, se percebe que as tentativas de dar conta da sua origem ou agravamento é permeada de informações e opiniões irrestritas, como em uma tentativa de explicar com critérios de verdade, onde as ciências naturais e abordagens pautadas nos conhecimentos neurocientíficos são largamente influentes e suficientes para seu entendimento. Segundo Castro (2020), a angústia é algo que a ciência não pode objetificar, apesar de sua tentativa de produzir sentido e convencimento. Ao atrelar angústia a uma explicação de ordem neural, biológica, torna-se inquestionável o saber que pode mensurar os estímulos cerebrais, áreas de ativação e transmissão sináptica. Pretende-se abordar as características que emergem em um momento em que a circunstância existencial da liberdade é anulada. A angústia de refletir tende a ser substituída pelo imediatismo das respostas, enclausurando o ser como objeto. Esse trabalho utiliza o método fenomenológico-hermenêutico com interpretação para a problemática da angústia frente à sua neutralização nos conflitos da existência. Ao demonstrar desordens bioquímicas ou impactos cerebrais de ordem neurobiológica, o interlocutor, seja em sala de aula, rolagem de informações em plataformas digitais ou no contato interpessoal, tende a assumir com critério de verdade legítima as explicações que justificam a queda de disposição, ímpeto, ânimo e sentido de realização. O pendor melancólico como “mal do século” tem ligação com esse processo. O convencimento não precisa de grandes retóricas e/ou debates de desconstrução, como é característico das disciplinas que compõem as humanidades, mas de exaltação da resposta de “cura” ao

conflito humano que percorre o sentido do sofrer. Em fenomenologia-existencial, a necessidade de compreensão não é sobreposta à tentativa de explicar e formular convencimentos, mas o de produzir sentidos que nem sempre sustentam o contentamento da resposta. Ao falar de angústia como característica do fenômeno depressivo, é importante notar o viés de caracterização patológica, o qual busca enfatizar a dor como adoecimento, condição de paralisação. Espanta que explicar produz maior satisfação que cuidar. É nesse sentido que a proposta fenomenológica-existencial acompanha essa discussão, em uma atitude compreensiva, de abertura ao fenômeno que caracteriza a existência e nos desdobramentos e recortes a intensificam, e não na tentativa de objetificar o que não se pode objetificar.

Palavras-chave: Angústia; Fenomenologia-existencial; Neutralização do sofrimento.